

**PORTUGUÊS BRASILEIRO EM FOCO: SUBSTITUIÇÃO DO PRONOME CLÍTICO DE TERCEIRA PESSOA COMO OBJETO PELO PRONOME RETO DE TERCEIRA PESSOA EM MEMES**Larissa Gabrielle Lucena Marques  
(UEPB)\*[larilucenagonsalves@gmail.com](mailto:larilucenagonsalves@gmail.com)Caroline da Silva Soares  
(UEPB)\*\*[caarol.013@gmail.com](mailto:caarol.013@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo trata sobre a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa em memes em redes sociais. Assim, objetiva verificar como vem ocorrendo a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa em memes no Facebook. Apresenta uma análise de três exemplares do gênero retirados de diversas páginas. Os resultados apontam que a substituição do pronome clítico como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa vem ocorrendo de forma recorrente nos memes, o que reforça esta como uma característica própria do português brasileiro (PB). Ademais, foi possível perceber também que está havendo um processo de apagamento dos clíticos no PB devido aos poucos casos de sua utilização nos memes analisados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Substituição pronominal. Português brasileiro. Memes

**ABSTRACT:** *This article deals with the substitution of the third-person clitic pronoun as object by the third-person straight pronoun in memes in social networks. Thus, it aims to verify how the replacement of the third-person clitic pronoun has been occurring as an object by the third-person straight pronoun in memes on Facebook. It presents an analysis of three examples of the genre taken from several pages. The results point out that the substitution of the clitic pronoun as object by the third-person pronoun is recurrent in memes, which reinforces this as a characteristic of Brazilian Portuguese (BP). In addition, it was possible to perceive that there is a process of deletion of the clitics in the BP due to the few cases of its use in the memes analyzed.*

**KEY WORDS:** *Pronominal substitution. Brazilian portuguese. Memes*

## 0 Introdução

Muitos estudos evidenciam que o português brasileiro (doravante PB) vem passando por diversas mudanças morfossintáticas características dos usos realizados pelos falantes. Dentre essas mudanças está a da reorganização do

---

\* Professora do departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI. Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG.

\*\* Graduada em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.

sistema pronominal do PB, tema que vem sendo bastante debatido por muitos estudiosos da língua, dentre eles Silva e Silva (2014) e Menon (1995). O fato é que os estudos sobre esse tema apontam para a emergência da formulação de uma nova gramática (SILVA E SILVA, 2014), a qual reconheça e leve em consideração os usos – distantes das prescrições da tradição gramatical - que já se incorporaram no falar dos brasileiros.

Considerando tais mudanças, uma que vem sendo bastante debatida é a da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa, assunto esse que se constitui como tema da presente pesquisa. No que tange a esse aspecto morfossintático do PB, é recorrente observarmos, principalmente na oralidade, o uso do pronome reto *e/le* e suas variantes na função de objeto direto, sendo que, de acordo com a tradição gramatical, esse tipo de pronome deveria exercer apenas a função de sujeito e/ou predicativo do sujeito nos enunciados.

Nesse sentido, considerando que a língua passa por mudanças com o decorrer do tempo, os gêneros textuais, e isso se deve, principalmente, à evolução dos meios de comunicação ao longo dos séculos (MARCUSCHI, 2007). Com os avanços tecnológicos, o acesso a informações tornou-se cada vez mais rápido, levando ao surgimento de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Por meio dessas evoluções, os gêneros textuais também vêm sendo adaptados no meio eletrônico, dentre ele há o gênero meme, que está presente e muito em alta nas redes sociais já mencionadas.

Diante do que foi colocado, pretendemos, através desta pesquisa, responder à seguinte indagação: como vem ocorrendo, recorrentemente, a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa no gênero meme no Facebook? Para responder tal questionamento, o presente estudo tem o objetivo geral de verificar de que modo vem ocorrendo a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa no gênero meme no Facebook.

No que diz respeito à metodologia, a pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos de coleta dos dados, classifica-se como documental. Os dados coletados para a análise foram três exemplares de memes retirados da rede social *Facebook*, nos quais observamos a ocorrência de uso do pronome reto de terceira pessoa em função de objeto direto, característica do português brasileiro falado.

A relevância da temática aqui enfocada é justificada pela verificação de que, apesar de haver muitos estudos que apontam a ocorrência do fenômeno linguístico por nós estudado, percebemos através deles que as gramáticas tradicionais ainda perpetuam uma concepção de língua que não reflete a maneira como as formas da língua são utilizadas pelos falantes. Assim, o presente trabalho se constitui relevante por indicar um processo de mudança em curso no PB.

A escolha do gênero meme se deu pelo fato de ainda não haver estudos relacionados à temática aqui enfocada em cima desse gênero textual. Além disso, por ser um gênero atual, presente no meio digital e que está, portanto, ao alcance de muitas pessoas, inclusive de alunos e professores. Assim, pensar a questão do uso

de pronomes retos de terceira pessoa em função de objeto direto nos memes é uma forma de refletir sobre a importância de se trabalhar com gêneros digitais na escola atrelados às mudanças significativas que ocorrem em nossa língua.

Para construção da fundamentação teórica, das principais abordagens teóricas a respeito do fenômeno linguístico focalizado em nosso estudo (CASTILHO E ELIAS, 2015; BATISTA, 2011; SILVA E SILVA, 2014; BAGNO, 2004), enfatizando o que dizem os autores a respeito dessa questão. Ademais, também nos dedicaremos a revisar estudos relacionados à teoria funcionalista (NEVES, 2013; CUNHA, 2016) e sobre o gênero meme (SOUZA, 2013; BARRETO, 2015).

## 1 Fundamentação teórica

### 1.1 O funcionalismo e seus pressupostos teóricos

O presente trabalho se insere nos estudos funcionalistas porque focaliza o tratamento a respeito de uma mudança de uso que vem sendo percebida no português brasileiro – a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa. Tal mudança, como tantas outras que ocorrem em nossa língua, está atrelada, obviamente, ao uso que os falantes fazem das formas linguísticas nos mais variados contextos e situações comunicativos. Nesse sentido, o funcionalismo “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2016:157).

Nesse sentido, a língua é vista pelos funcionalistas não como um conjunto de formas estáticas, que funcionam fora de um contexto comunicativo, mas como formas dinâmicas, que se adaptam às diversas circunstâncias de uso, dependendo sempre das intenções e da forma como os falantes as usam.

Os estudos funcionalistas tiveram início na Europa, através da Escola de Praga, da qual se destacam os trabalhos de Trubetzky e Roman Jakobson, principalmente na área da fonologia, e logo se disseminaram por outros países como Estados Unidos. Vale salientar que o funcionalismo surgiu “como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas” (CUNHA, 2016:159). Desse modo, o ponto chave dos estudos funcionalistas se concentra nas finalidades e propósitos de uso dessas unidades linguísticas (NEVES, 2013:17).

Podemos afirmar que é através dos usos efetivos da língua, vinculados ao contexto comunicativo em que ocorrem as interações verbais, que analisamos as motivações de um ou outro uso linguístico, e é exatamente essa a principal característica que difere o funcionalismo das teorias formais precedentes – o estruturalismo e o gerativismo (CUNHA, 2016:163).

Uma vez que levam em conta “dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação” (CUNHA, 2016:158), os funcionalistas concebem a linguagem não como um fenômeno pronto e acabado em si mesmo, mas como um sistema que pode ser usado para os mais variados fins e nos mais variados contextos de comunicação (PRIDEAUX, 1987 *apud* NEVES, 2013:16).

Nesse modo de conceber a linguagem, ao funcionalismo interessa, portanto, investigar a linguagem além das estruturas gramaticais, preocupando-se, portanto, com os contextos discursivos em que se dão as interações verbais e quais as motivações para os fatos da língua (CUNHA, 2016:174).

Relacionando a abordagem funcionalista com o processo de ensino de Língua Portuguesa, vemos a necessidade de um estudo linguístico que parta de contextos comunicativos concretos, uma vez que, recorrentemente, esses estudos, em âmbito escolar, se limitam apenas a descrever e analisar frases soltas e descontextualizadas, com fins em si mesmas, que se distanciam dos reais usos e, além disso, perpetuam a ideia de que a gramática é um sistema rígido e imutável.

No que concerne a essa questão da gramática da língua – a qual, no funcionalismo possui atenção privilegiada – , os funcionalistas a consideram

como um organismo maleável, que se adapta às situações comunicativas e cognitivas dos falantes, [o que] implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfosintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam), e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. (CUNHA, 2016:164).

Visto dessa forma, pensar a gramática enquanto um sistema autônomo, com um fim em si mesma, é o mesmo que negar a influência que os falantes exercem sobre a linguagem, perpetuando, assim, uma falsa noção de língua - a ideia de língua enquanto estrutura homogênea - que não reflete a maneira real com que essas formas da língua vêm sendo empregadas nos mais variados contextos discursivos.

Com relação a isso, de acordo com Michael K. Halliday, “o enunciado não parte de uma estrutura profunda abstrata, mas das escolhas que o falante faz quando o compõe para um propósito específico, com elas produzindo significado” (*apud* NEVES, 2013:18). Nessa mesma perspectiva, Neves (2013:19) citando Givón (1995) afirma que

a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Portanto, a língua e sua gramática não podem ser concebidas como um sistema autônomo, pois a influência que os falantes têm sobre a língua, a maneira como a usam, as escolhas que fazem para atingir objetivos diferentes em contextos comunicativos diversos, é o que determina sua existência.

Por fim, concordando com a visão dos teóricos supracitados, acreditamos que um estudo de língua dissociado de seus contextos efetivos de comunicação e que

nega a influência do usuário, o qual molda a língua através dos usos que faz das formas linguísticas, não é suficiente para trabalhar a língua assim como ela é, ou seja, como é, de fato, usada. Não acreditamos, apesar disso, que o ensino das regras da gramática tradicional deve ser abolido, pois seu estudo também é muito importante para a formação e o desenvolvimento de leitura, escrita e oralidade dos alunos. Porém, destacamos que a estes também deve ser mostrado como essas regras realmente funcionam no momento em que a língua é posta em uso.

## 1.2 O gênero meme: língua e tecnologia em uso

Antes de iniciarmos falando propriamente no gênero *meme*, consideramos importante ressaltar, de maneira geral, como se caracterizam as redes sociais em que se propagam os memes e porque esses ambientes virtuais se constituem como espaços propícios para sua disseminação. Em sua tese de doutorado, Barreto (2015) citando Recuero (2006b) aponta que

As redes sociais na Internet, como o próprio nome já sugere, são compreendidas a partir da metáfora da rede, na qual um grupo social é visto como um conjunto de dois elementos: **atores** (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas **conexões** (interações e laços sociais), que se modificam no tempo, através de uma estrutura dinâmica, e alteram a constituição da própria rede. (RECUERO, 2006b *apud* BARRETO, 2015:22, grifos da autora)

Dessa maneira, as redes sociais podem ser concebidas como espaços virtuais que permitem a interação e, conseqüentemente, a criação de laços (as conexões) entre seus partícipes (os atores). Tomando como exemplo o *Facebook*, essas interações podem ocorrer de diversas maneiras: através da publicação de imagens, vídeos, textos, etc.; da possibilidade de compartilhar, comentar e reagir a essas publicações através do botão “curtir”; e também por meio do chat, disponível nessa rede.

Como se caracterizam por propiciar um elevado grau de interatividade entre os seus usuários, as redes sociais permitem que a difusão de informações e outros conceitos (incluindo os memes), seja bastante propícia em ambientes como esses (BARRETO, 2015:28). Além disso, outras características, como a de se apresentarem como espaços informais, pensando na questão da liberdade do uso linguístico, e também por serem de livre e fácil acesso, possibilitam que a circulação e propagação dessas informações seja cada vez maior.

De acordo com Souza (2013), o termo meme foi criado pelo zoólogo Richard Dawkins em 1976, em seu livro intitulado *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), numa tentativa de explicar a evolução cultural. A palavra

foi cunhada a partir da raiz grega “Mimeme” que significa algo que pode ser copiado. Dawkins resolveu reduzi-la para “meme”, pois ele afirmava estar em busca de uma palavra mais curta que soasse mais

ou menos como “gene”, visto que o “meme” é o “gene da cultura”. (SOUZA, 2013:132, grifos do autor).

Ainda em relação à definição do termo, conforme Blackmore (2000:65 *apud* Souza, 2013:6) “um meme é uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura”. Como podemos perceber, a partir das definições dadas pelos autores citados acima, a palavra *meme* foi criada, a princípio, para denominar a maneira como as ideias e os costumes de uma cultura se propagam entre seus integrantes, fazendo uma analogia aos genes, que são passados de geração em geração.

Sendo assim, seguindo essa proposição, os memes veiculados na internet possuem a mesma essência daqueles definidos por Dawkins (1976) e Blackmore (2000), pois são informações, geralmente com tom humorístico, que tendem a se espalhar e viralizar entre os usuários. Acerca disso, Souza (2013) aponta que

[o]s textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas, tal que, ao se familiarizarem com a linguagem contida no componente a ser replicado, estarão dialogando de certa maneira com o criador do “meme”, ou mesmo com os partícipes das mesmas interações de transmissão de ideias. (SOUZA, 2013:8, grifo do autor).

Os memes são, portanto, textos (verbais e imagéticos) que tendem a ser replicados (ou não) levando em consideração a identificação dos receptores com relação ao seu conteúdo, geralmente fatos cotidianos e que fazem parte da realidade dessas pessoas. E é justamente a adoção e, em seguida, a decisão do usuário de replicar esse conteúdo, isto é, a decisão de passá-lo adiante (SOUZA, 2013:136), que irá ditar a longevidade desses memes.

Para ilustrar melhor essa questão, observemos a seguir, dois exemplos de memes através dos quais conseguimos observar as características relacionadas à sua composição (texto mais imagem), as quais são utilizadas para conferir um sentido completo ao meme:

Figura 1 – exemplo do gênero *meme*<sup>1</sup>

---

1 Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humotariano/photos/a.1656924814552946.1073741828.1651727858405975/2631374960441255/?type=3&theater>>. Acesso em: 11/04/2018.



Fonte: Facebook, 2018.

No exemplo de meme acima apresentado, nos deparamos com uma situação cotidiana que pode acontecer com qualquer pessoas. Com relação à sua forma e estilo, geralmente “os memes são elaborados por intermédio de uma imagem, retirada de uma cena do cotidiano, e de um texto, extraído de um outro contexto, mas na configuração final do meme adquire uma significação característica” (GUERREIRO E SOARES, 2016:191). Dessa forma, podemos observar no exemplo em questão que, para sua constituição, foram utilizados tanto o conteúdo verbal (o texto) como o não-verbal (as imagens), retirados de contextos do cotidiano, e que apesar de não manterem ambos uma relação direta, ao serem mesclados na criação do meme, dão a ele um sentido completo.

O conteúdo presente nos memes, por se tratar, geralmente, de algo do dia a dia das pessoas, é o que muito provavelmente leva as pessoas a se identificarem com as mensagens transmitidas através deles, e conseqüentemente, as impulsiona a tomar a decisão de compartilhá-los, replicando, logo, tal conteúdo.

Com relação ao fato de os memes possuírem essa tendência de replicação, Souza (2013) afirma que Dawkins utilizou o termo “imitação” para se referir à forma como os memes são transmitidos. Blackmore (1999) acerca disso afirma que

quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este ‘algo’ pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o ‘meme’. (BLACKMORE, 1999:4 *apud* SOUZA, 2013:133).

Logo, podemos entender que o conceito de imitação de que fala esses teóricos refere-se ao caráter altamente propagativo que possuem os memes. Quanto maior a identificação e adesão do receptor com a mensagem transmitida através do meme, maior a tendência por compartilhá-la e passá-la adiante.

De uma maneira mais genérica, portanto, podemos afirmar que

Uma das características dos memes de Internet é seu conteúdo **multimodal**, podendo ser replicado através de textos, imagens, vídeos e *links* nos mais diversos ambientes, como e-mails, weblogs,

fóruns de discussão, redes sociais e outros websites. (BARRETO, 2015:75).

Nesse sentido, o meme pode ser considerado um gênero digital, visto que os locais onde costumam circular são predominantemente digitais, exigindo, portanto, o uso e o conhecimento por parte dos usuários das redes dos aparatos tecnológicos, os quais permeiam as mídias sociais onde são propagados os memes.

### **1.3 A classe dos pronomes e a ocorrência do pronome reto ele como objeto direto**

A classe dos pronomes faz parte do que Batista (2011) denomina de classes fechadas, isto é, aquelas “constituídas de itens gramaticais, que têm como função principal relacionar elementos numa sequência, ou seja, possuem função gramatical” (p. 67). As classes pertencentes a esse grupo - além dos pronomes, incluem artigos, conjunções, preposições e numerais -, também têm por característica a existência em um número limitado, e, destarte, podem ser facilmente memorizadas (SAUTCHUK, 2010:30), já que ao contrário das classes abertas, não possuem um caráter de variação ou flexão, são formas estáticas da língua.

De acordo com Castilho e Elias (2015), tal classe é constituída por palavras que “podem retomar um substantivo previamente enunciado, substituindo-o na sentença” – anafóricos –, no caso do pronome de terceira pessoa *ele* e suas variantes, e podem sinalizar as pessoas do discurso – dêíticos -, no caso dos pronomes de primeira e segunda pessoa *eu* e *tu*, respectivamente (p. 84, grifos dos autores). Ademais, ainda conforme os autores supracitados, esta classe subdivide-se em pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, quantificadores indefinidos, e os relativos, cada um deles apresentando suas especificidades morfológicas e sintáticas.

Com relação à questão tomada como foco em nossa pesquisa - a da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa -, verificamos em alguns estudos de cunho funcionalista o que trazem os teóricos a respeito desse assunto.

Castilho e Elias (2015) trazem um quadro expositivo dos pronomes pessoais atuais do português brasileiro em que já sinalizam o desaparecimento dos oblíquos de terceira pessoa *o/a/os/as* como complemento, e em seu lugar, apontam o uso dos pronomes retos *ele/ela/eles/elas* exercendo a mesma função sintática daqueles. Mais adiante, ao se debruçarem sobre as funções exercidas pelo pronome reto de terceira pessoa, afirmam que “*ele* preservou seu uso como sujeito, e passou a ser usado também como objeto direto”, e acrescentam em seguida que “o pronome complemento *o* (e suas variantes *lo* e *no*) estão desaparecendo, sendo substituídos pela forma única *ele*”. Esta ocorrência é ilustrada pelos autores por meio dos seguintes exemplos: “*Será que vão achá-lo / Acharam-no*” (no português padrão) e “*Será que vão achá ele? / Acharam ele*” (no português não padrão) (CASTILHO E

ELIAS, 2015:98, grifos dos autores). Salientamos que estudos mais antigos como o de Galves (2001), já apontavam tais mudanças morfossintáticas vigentes no PB; no entanto, optamos, em nossa pesquisa, por utilizar um referencial teórico mais recente, com vistas a apurar informações mais atuais acerca do tema.

Silva e Silva (2014) ao analisarem duas gramáticas contemporâneas do português brasileiro, constataram que

seus autores dizem reconhecer as especificidades do PB contemporâneo, cujos usuários aceitam e empregam formas linguísticas distantes da norma-padrão tradicional, mas já perfeitamente incorporadas às variedades urbanas de prestígio (p. 188).

Assim, vemos que já existem muitos estudos preocupados com as mudanças em curso no português brasileiro, e mais que isso, está havendo aceitação por parte dos usuários da língua quanto ao emprego dessas formas.

Uma das questões morfossintáticas do PB em evidência nos compêndios gramaticais analisados pelos autores supracitados é o tratamento da queda ou substituição do clítico de terceira pessoa pelo pronome reto de terceira pessoa. Na análise realizada da gramática de Ataliba T. de Castilho (2010) a qual denominam de GAC, Silva e Silva (2014) afirmam que tal compêndio “mostra que há possibilidade de o pronome *e/le* ou do clítico *o* assumirem a função de objeto direto no PB, ainda que o desaparecimento dos clíticos venha ocorrendo progressivamente, dando cada vez mais espaço ao *e/le* acusativo” (p. 197). Diante disso, conseguimos perceber que está havendo um processo de mudança em curso em nossa língua quanto ao uso desses pronomes, o qual vem tomando proporções cada vez maiores e, portanto, sua recorrência na língua direciona para um contexto de possível mudança que está por emergir.

Ademais, ainda no que diz respeito a essa questão do desaparecimento dos pronomes oblíquos e sua substituição por um pronome reto de terceira pessoa, Bagno (2004) é ainda mais categórico ao afirmar que:

Se há alguma coisa que podemos afirmar, sem medo de errar, a respeito do português do Brasil é que nesta língua os pronomes oblíquos de 3ª pessoa estão, senão totalmente mortos, pelo menos moribundos, tendo os últimos estertores. Só conhecem esses pronomes (mas nem por isso usam) as pessoas que freqüentaram a escola e que, ali, entraram em contato (direta ou indiretamente) com os quadros pronominais da língua literária clássica e, por causa desse contato, sofrem pressão da norma-padrão conservadora. (BAGNO, 2004:102).

Como vemos, a discussão entre os gramáticos acerca dessa substituição já é fato. E como constatam esses estudiosos, as regras normativas da língua, no que concerne ao uso dos oblíquos de terceira pessoa, já não vigoram quando se lança o olhar sobre como a língua é usada. Além do mais, não é um uso que se restringe

apenas às camadas sociais mais baixas de nosso país, pois consoante Bagno (2004:102) “mesmo na fala dos brasileiros cultos a ocorrência desses clíticos é raríssima, como toda uma bibliografia baseada em pesquisas de campo tem demonstrado fartamente!”. O autor chega a mencionar, ainda, que o caso do pronome reto *e/le* como objeto direto é muito antigo em nossa língua, uma vez que muitas dessas ocorrências podem ser encontradas em textos literários que datam do período arcaico retirados da obra de Fernão Lopes (século XIV).

Mesmo já sendo bastante evidenciado essas ocorrências através de vários estudos, dentre os quais mencionamos ao largo desta subseção, em âmbito escolar, ocasionalmente, ainda vem sendo perpetuado um ensino de língua pautado nos moldes ditados pela tradição gramatical, a qual insiste em ignorar os fatores característicos dos usos entre os falantes, enaltecendo, desta forma, um tipo de língua que se distancia do real uso feito por eles. Bagno (2004), a esse respeito, chega a lançar diversos questionamentos dentre eles o de se “será mesmo necessário dispendir tanto tempo e esforço para memorizar regras de uso de recursos gramaticais que quase não são mais usados?” (p. 103). Concordamos com o autor, e acreditamos que se se dedicasse mais tempo das aulas de Língua Portuguesa à reflexão acerca dos fatos da língua, sobre como as unidades linguísticas realmente vêm sendo empregadas quando postas em uso pelos falantes ao se expressarem, teríamos um ensino de língua mais concreto e próximo da realidade dos alunos.

Diante de tudo o que foi exposto até então no decorrer desta seção de nosso trabalho, daremos continuidade a ele com a exposição da metodologia por nós utilizada para sua confecção, e na seção subsequente, traremos nossa análise dos memes coletados em que há a ocorrência do pronome reto de terceira pessoa em detrimento aos de caso oblíquo na função de objeto direto, e acreditamos, com isso, ficar mais clara a nossa discussão acerca dessa ocorrência.

## 2 Aspectos metodológicos

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, tendo em vista que, segundo Biembengut Santade (2014), caracteriza-se “como um estudo não estatístico, que identifica e analisa, de forma acurada, dados de difícil mensuração” (p. 99). Destarte, esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa porque nela realizamos uma atividade de compreensão e análise acerca da recorrência da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto por um pronome reto de terceira pessoa em memes retirados do *Facebook*.

Quanto aos objetivos, a presente pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva. Exploratória, pois como aponta Severino (2007:123) “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”, assim como o que fizemos nesta pesquisa – buscamos fazer uma coleta de memes que apresentassem o pronome reto de terceira pessoa em detrimento aos de caso oblíquo na função de objeto direto. E é descritiva, pois conforme Silva (2008:59) “tem como objetivo principal a descrição de determinada população ou fenômeno,

estabelecendo relações entre as variáveis”. Portanto, os memes foram descritos e utilizados como forma de demonstrar um processo de mudança em decorrência, pois refletem a língua em uso.

Segundo os procedimentos de coleta dos dados, a pesquisa classifica-se ainda como documental<sup>2</sup>, a qual inclui, de maneira ampla, documentos escritos tais como jornais, revistas, cartas etc., tal como elementos iconográficos como é o exemplo de imagens, fotografias e filmes (GODOY, 1995:22).

Os dados coletados para nossa análise foram cinco exemplares de memes retirados de três páginas da rede social *Facebook*, nos quais observamos a ocorrência de uso do pronome reto de terceira pessoa em função de objeto direto, característica do português brasileiro.<sup>3</sup> Como apresentamos aqui apenas um recorte da pesquisa, selecionamos para apresentação três *memes*<sup>4</sup> a serem analisados.

### 3 O português brasileiro em foco: substituição pronominal em memes

A substituição pronominal aqui focalizada acontece de maneira bastante recorrente nos memes, e foi justamente por esse motivo que trouxemos três exemplares do gênero, para mostrar que, com efeito, essa ocorrência não se dá apenas em casos isolados, mas que se faz muito presente nos memes, uma vez que neste gênero, verificamos a língua em uso real.

#### 3.1 Memes que apresentam o uso do pronome reto de terceira pessoa

Figura 2 – Exemplo retirado da página *Frases & Versos*<sup>5</sup>

---

2 Consideramos como documental, levando em consideração dois fatores: primeiro, o corpus de nossa pesquisa é uma fonte de dados que não envolve o contato direto com pessoas ou um grupo de pessoas e; segundo, com base na definição de documento dada por Godoy (1995), os *memes* se encaixam na categoria de materiais iconográficos, isto é, representados por conteúdo imagético.

3 Encontramos em dois memes o emprego do pronome oblíquo átono realizando a função de objeto direto, privilegiada pela tradição gramatical por ser considerada a forma mais adequada de uso. Por essa razão, não contemplamos a análise desses memes neste artigo.

4 Este artigo é um recorte de um trabalho desenvolvido anteriormente, no qual analisamos um total de sete exemplares do gênero meme, sendo que cinco apresentaram a mudança em foco aqui analisada, enquanto que apenas dois memes apresentaram a forma trazida pela gramática tradicional. Por uma questão de espaço, optamos por apresentar a análise de somente três memes.

5 Disponível em:

<<https://www.facebook.com/oficialsofrases/photos/a.367442046688674.1073741828.347494448683434/1218747781558092/?type=3&theater>> Acesso em: 25/09/2017.

Quando eu escuto minha música favorita e começo a cantar ela



Fonte: Facebook, 2017.

Neste primeiro exemplo de meme, retirado da página *Frases & Versos*, observamos a imagem da personagem ficcional Boo do filme “Monstros S.A.”, numa cena em que parece estar cantando de maneira bastante empolgada. A frase utilizada pelo criador do meme, apesar de não estar inserida no mesmo contexto em que a imagem foi retirada, se relaciona bem com a figura – relação essa que se constitui como uma das características do gênero meme -, uma vez que essa exprime o sentimento de empolgação e euforia manifestado pelo indivíduo ao escutar sua música preferida e ao começar a cantá-la.

Com relação ao aspecto morfossintático por nós estudado neste trabalho, a substituição aparece em “... cantar **ela**”. O pronome reto **ela** foi utilizado em lugar da variante **la**. Como mencionamos na seção 2.3, Bagno (2004) afirma que o uso dos pronomes oblíquos no português brasileiro se tornou raríssimo, sendo utilizado apenas por pessoas cultas, o que pode justificar essa ocorrência no meme em questão. Além do mais, a grande maioria dos memes que vemos em circulação nas redes sociais possuem, geralmente, um caráter mais informal - o que não exclui a existência de memes que circulam em esferas mais formais -, visto a simplicidade de sua linguagem, a qual se aproxima bastante da utilizada pelos usuários da língua no cotidiano. Podemos relacionar essa questão com a classificação feita por Bakhtin (1997) acerca dos gêneros primários (simples) e secundários (complexos), em que o primeiro é caracterizado pelo uso de uma linguagem mais simples, usual, enquanto que o segundo apresenta uma linguagem mais complexa e formal. Diante disso, é possível encaixarmos o meme analisado acima na primeira categoria.

Por circular também em um ambiente que permite a informalidade (a rede social), esse é um outro fator que acarreta o uso de formas linguísticas como a apresentada no meme, dado que refletem a maneira como são empregadas no momento da fala, sendo reproduzidas também por meio da escrita, bem como conseguimos observar no meme.

Figura 3 – Exemplo retirado da página *Frases & Versos* 6

Quando alguém que vem atrás pisa  
no meu tênis e arranca ele do meu pé



Fonte: Facebook, 2017.

O meme do exemplo acima, também foi retirado da página *Frases & Versos*, e nele observamos, como no exemplo anterior, a mescla de uma imagem e uma frase retiradas provavelmente de contextos distintos, mas que juntas conferem um sentido completo ao meme. Dessa vez, a imagem utilizada é a de um garoto que aparenta estar chateado com alguma coisa, o que se encaixa perfeitamente na caracterização do aborrecimento do sujeito ao ter o tênis arrancado de seu pé após alguém pisar nele.

Nesse meme a substituição ocorre em “... arranca **ele**”. Dessa vez, o pronome reto **ele** foi utilizado no lugar do oblíquo **o**. Bem como no meme anterior, tal substituição pode ser justificada pelo contexto de produção do gênero, cujo caráter é informal. É importante ressaltar, também, que esse fenômeno linguístico é uma característica própria do português brasileiro, e pensando no contexto de informalidade do gênero meme, o uso de um pronome oblíquo poderia deixar a frase estranha, tendo em vista que não é comum usarmos esses pronomes em nosso dia a dia, o que reflete uma característica da oralidade que também se apresenta no gênero escrito em questão.

Figura 4 – Exemplo retirado da página *Bode Gaiato* 7

6 Disponível em:

<<https://www.facebook.com/oficialsofrases/photos/a.367442046688674.1073741828.347494448683434/1217876724978531/?type=3&theater>> Acesso em: 25/09/2017.

7 Disponível em:

<<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678.112226.463932880336643/1919798918083358/?type=3&theater>> Acesso em: 04/04/2018.



Fonte: Facebook, 2018.

O meme do exemplo acima foi retirado da página *Bode Gaiato*, e este se diferencia dos exemplos anteriores no que se refere à sua constituição. Salientamos que o *Bode Gaiato* produz memes sobre diversos temas, e além disso a grande maioria dos memes dessa página é construído de maneira específica, “onde o meme/história se desenvolve com a figura do bode e demais personagens – digitalmente criados como figuras antropomórficas – interagindo em um cenário composto por imagens do espaço sideral, ao fundo” (SOBREIRA, 2017), tal como podemos observar no exemplo acima.

Apesar de apresentar o conteúdo verbal e não-verbal, característico do gênero meme, este meme foi construído por meio de um diálogo entre dois personagens (Zéfa e Bio), os quais são criações do próprio dono da página em questão. Sendo assim, não foram retirados de outros contextos, tal como ocorreu nos exemplos 1 e 2.

Outro fator que diferencia os memes da página *Bode Gaiato* dos demais é o fato de tratarem de situações cotidianas típicas da região Nordeste do Brasil, tal como a do exemplo acima e, por isso, a linguagem empregada no *meme* se aproxima muito da falada pelos nordestinos. Podemos observar isto através de como foram grafadas as palavras “querem” e “mas” - “quêre” e “mai”, respectivamente -, escritas tais como comumente são pronunciadas na fala de muitas pessoas da região. Além disto, também podemos perceber a busca pela reprodução da oralidade através da escrita diante da falta de concordância verbal e nominal expressas, que também é uma característica bastante comum na fala dos brasileiros (não apenas dos nordestinos), como fica evidente em “eles quêre” e em “tuas calça”.

Quanto à substituição que nos interessa nesta pesquisa, no meme, ela ocorre em “Esconde **ele**”, em que novamente o pronome reto **ele** foi utilizado em função complementar de objeto direto no lugar do pronome oblíquo **o**. Como já ressaltamos anteriormente, o gênero meme é construído e propagado em ambientes caracterizados pela informalidade, nos quais é permitido um uso mais livre da

linguagem, e dessa forma acabam propiciando o aparecimento de ocorrências como essa.

Além do mais, o meme do exemplo acima foi construído com o intuito de retratar a cultura específica de uma região de nosso país (a nordestina), seja por meio da caracterização física dos personagens (bodes transvestidos de pessoas do interior do Nordeste), seja pela forma como a linguagem foi empregada no meme para reproduzir a maneira falada pelas pessoas dessa região.

Logo, não faria muito sentido o uso de um pronome oblíquo nesse contexto específico, uma vez que por se tratar de uma conversação diária, uma situação informal, a qual não exige do falante um policiamento quanto ao uso “correto” das formas linguísticas, e se tratando, nesse sentido, de aspectos próprios da oralidade dos falantes, o uso do pronome reto **ele** soa mais “natural” ao leitor/ouvinte do que o uso do pronome oblíquo **o**, que se encaixaria melhor numa situação cotidiana que exigisse mais formalidade.

Como explanamos na seção 2.1 de nossa fundamentação teórica, de acordo com a teoria funcionalista, a língua só pode ser estudada efetivamente a partir da observação de “dados reais de fala retirados de contextos efetivos de comunicação” (CUNHA, 2016, p. 158), pois é através disso que conseguimos analisar as motivações de um ou outro uso linguístico. No caso do meme acima, apesar de se constituir apenas como a representação de um diálogo informal entre personagens fictícios, aproxima-se muito de uma conversação real, pois caracteriza-se como um discurso simples, com linguagem coloquial, livre de preocupação e cuidado com o uso de termos e expressões dentro das normas gramaticais, o que é normal e aceitável na situação cotidiana em que foi utilizado.

Portanto, a substituição de um pronome oblíquo como objeto por um pronome reto reflete, necessariamente, os usos da língua, a maneira como essas formas estão sendo empregadas no momento da fala, e por intermédio do meme, observamos que a ocorrência desse fenômeno também está sucedendo através da escrita, o que reforça esse uso como uma característica própria do português brasileiro.

#### **4 Considerações finais**

Na presente pesquisa tivemos como objetivo o de verificar como vem ocorrendo a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa em memes no Facebook. Através das análises realizadas, constatamos que a recorrência desses casos nos memes é muito maior do que sugere a tradição gramatical, visto que o uso do pronome reto de terceira pessoa já está internalizado no falar dos brasileiros, se mostrando algo comum e natural não só na oralidade como também na escrita, assim como observamos através dos memes analisados.

Ademais, observamos que está havendo um apagamento dos clíticos devido ao emprego reduzido desse tipo de pronome. Quanto a isso, ressaltamos, mais uma vez, que durante a coleta dos dados, que aconteceu durante o período de setembro de 2017 a abril de 2018, fizemos uma busca recorrente por memes que

apresentassem tanto o pronome reto de terceira pessoa como o pronome clítico em posição de objeto direto. Porém, durante esses meses, nos deparamos apenas com dois exemplares de memes com a ocorrência do pronome clítico.

Sendo assim, tal qual apontam os estudiosos da língua acerca dessa mudança morfossintática do português brasileiro que vem ocorrendo em várias instâncias de uso da língua (SILVA E SILVA, 2014; BAGNO, 2004; CASTILHO E ELIAS, 2015; BATISTA, 2011), verificamos que o mesmo vem ocorrendo nos memes que circulam nas redes sociais. Tal fato corrobora a ideia de que os gêneros textuais materializam, de fato, os usos linguísticos, confirmando um processo de mudança em curso que deve ser estudada e analisada e que pode refletir, pensando no contexto de sala de aula, em uma abordagem mais reflexiva da gramática. A partir disso, ressaltamos o caráter relevante da nossa pesquisa, bem como a nossa intenção de ampliá-la e aprofundá-la em outros contextos, de modo a contribuir, cada vez mais, com o estudo da língua em situações diferentes de utilização.

## Referências

- BAGNO, Marcos. Eu consolo ele, ele me consola: as estratégias de pronominalização. In: \_\_\_\_\_. **Português brasileiro? : um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 99-108.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Gêneros do Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: Uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/296>>. Acesso em: 09/04/2018.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett. A metodologia de pesquisa: instrumentais e modos de abordagem. In: SIMÕES, Darcilia; GARCÍA, Flavio (Orgs.). **A pesquisa científica como linguagem e práxis**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, pp. 95-109.
- CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 157-176.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Rev. Adm. Empres. São Paulo, v. 35, n. 3, Mai./Jun., 1995, pp. 20-29. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004)>. Acesso em: 13/05/2018.
- GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos**. Florianópolis/SC, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em: 09/04/2018.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIZIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, pp. 19-36.
- MENON, O. P. S. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Curitiba: Letras, 1995, p. 91-106. Disponível em: <<http://revistasufpr.br/letras/article/view/19069>>. Acesso em: 03/12/2017.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Estudar os usos linguísticos. Ou: a visão funcionalista da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 15-34.
- SAUTCHUK, Inez. A classificação morfológica das palavras. In: \_\_\_\_\_. **Prática de morfossintaxe**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010, pp. 15-36.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SILVA, C. R. T.; SILVA, F. E. V. **Aspectos morfossintáticos do português brasileiro sob a ótica das gramáticas contemporâneas: contribuições da gramática gerativa**. PPGL/UFPB, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/23442>>. Acesso em: 03/12/2017.
- SOBREIRA, R. T. Bode Gaiato. **Museu de memes**, 2017. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/bode-gaiato/>>. Acesso em: 29/05/2018.
- SOUZA, Carlos Fabiano de. **Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço**. Campos dos Goytacazes/RJ: Vértices, 2013, p. 127-148. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/2684>>. Acesso em: 04/12/2017.